

---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Solange Gouveia da Silva**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: RELAÇÕES E  
IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE.**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2004**

**SOLANGE GOUVEIA DA SILVA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: RELAÇÕES E  
IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE.**

**Monografia apresentada a Universidade Federal de Campina Grande/CFP – Campus de Cajazeiras, como instrumento para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, tendo como orientadora a professora Betânia Maria de Oliveira.**

**Cajazeiras-PB  
2004**



5586e Silva, Solange Gouveia da.  
Educação sexual na escola: relações e implicações na  
prática docente / Solange Gouveia da Silva.- Cajazeiras,  
2004.  
55f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2004.

Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Educação ambiental. 2. Sexualidade na escola. 3.  
Sexualidade - histórica. I. Oliveira, Betânia Maria de. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

“Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se advinha, a escola em que apaixonadamente diz sim a vida”.

Paulo Freire.

## **AGRADECIMENTO**

Sou grata à minha orientadora, professora Betânia Maria de Oliveira. Graças à sua parceria e exigência pude vivenciar minhas (emoções) etapas de leitura e escrita durante o processo de pesquisa acadêmica. Obrigada pelas sugestões, além da paciência e incentivo na confecção deste trabalho.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	05
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>2. CAPÍTULO I – Breve Histórico sobre a Sexualidade</b> .....	09
1.1. A significação dos conceitos: Educação e Orientação Sexual.....	14
<b>3. CAPÍTULO II – Sexualidade na Escola</b> .....	17
2.1. Orientação Sexual: porque na Escola?.....	23
2.2. Orientação Sexual nos PCN's.....	28
2.3. O Perfil do(a) Orientador(a) Sexual.....	33
<b>4. CAPÍTULO III – A Orientação Sexual na Visão dos Educadores</b> .....	36
3.1. Narrativas dos Professores das Séries Iniciais sobre Sexualidade.	39
3.2. Análise dos Desenhos.....	41
3.3. Análise da Dramatização.....	42
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	47
<b>7. ANEXOS</b>	
<b>I – Plano de Atividades</b>	
<b>II - Questionário</b>	

## RESUMO

Este trabalho objetiva relatar como a Orientação Sexual vem se constituindo na Escola Maria Cândido de Oliveira, do Ensino Fundamental da cidade de Cachoeira dos Índios – PB. Nesse sentido, a investigação realizou-se a partir dos relatos emitidos pelos professores, visando sondar o grau de conhecimento que estes detém acerca do tema proposto. A análise dos discursos investigados abrangem os seguintes aspectos: os fatores que impedem a abordagem das questões relativas sobre a sexualidade; quais os subsídios utilizados para abordar esta temática em sala de aula, conhecimento dos PCN's. Para dar suporte teórico as questões aqui apresentadas, utilizou-se uma vasta bibliografia produzida por estudiosos que se destacam no assunto. As informações obtidas permitiram perceber que dentre os motivos apresentados para a não inclusão da temática Orientação Sexual nas escolas, alvo da pesquisa, está a dificuldade de expressão e conhecimentos dos professores acerca das questões relativas a sexualidade.

Palavras-Chave: Sexualidade, Orientação Sexual, Professores.

## 1. INTRODUÇÃO

A sexualidade humana tem sido, ao longo dos tempos, objeto de estudos de várias pesquisas e nestas, a Orientação Sexual emerge com bastante significado, dada a sua relação com a própria condição humana, pois se considera que a influência da sexualidade permeia todas as manifestações do indivíduo do nascimento até a morte, englobando o papel sexual do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações atribuídas e vivenciadas nos relacionamentos humanos, dentre outros problemas atuais e preocupantes.

Reunindo a literatura existente, percebe-se que existe um número considerável de trabalhos elaborados na perspectiva de subsidiar os educadores quanto a abordagem da Orientação Sexual na escola. Contudo, observa-se que são poucas as instituições de ensino que incluem em suas práticas pedagógicas a discussão de um tema tão importante e necessário como é a sexualidade humana e, quando a fazem, essa se resume a palestras a cargo de psicólogos, ou médicos, como se o procedimento fosse suficiente para esclarecer as dúvidas relacionadas à sexualidade humana e suas múltiplas expressões.

Essas “discussões” e “informações”, na maioria das vezes, estão voltadas tão somente para os adolescentes, ficando a infância e a pré-adolescência à mercê de informações incompletas, regadas a preconceitos, incompreensões. Para alguns professores do Ensino Fundamental, a Orientação Sexual nessa fase é vista como algo não saudável, pois estimularia precocemente a sexualidade das crianças.

Estudos científicos realizados nessa área demonstraram que o trabalho de Orientação Sexual, ao contrário do que se propaga, não estimula a atividade sexual, não antecipa a idade do primeiro contato sexual, nem tão pouco



aumenta a incidência de gravidez ou aborto entre adolescentes. É, sim, as crianças/adolescentes, que foram orientados sexualmente na escola, tornara-se mais responsáveis e conscientes.

É notória, a importância de se discutir a sexualidade na escolas, uma vez que cresce a cada dia o número de abuso sexual, gravidez precoce, contaminação das DST/AIDS, principalmente entre os adolescentes, dentre outros temas fundamentais para essa discussão, que se faz necessária e inadiável.

Nesse contexto, o presente estudo propõe-se a investigar como a Orientação Sexual vem sendo abordada no Ensino Fundamental da Escola Maria Cândido de Oliveira da cidade de Cachoeira dos Índios/PB e que espaço vem sendo destinado a essa questão. A Orientação Sexual, na realidade da escola pública brasileira, tem recebido pouca atenção das políticas públicas e educacionais. Apesar dos PCN's abordá-la como um dos Temas Transversais, as escolas ainda relutam para incluí-la como uma de suas preocupações pedagógicas, além disso, existem alguns professores que vêem o assunto como incômodo, complexo.

Fundamentada nessa preocupação, tem-se como uma das metas desta pesquisa, investigar se a Orientação Sexual no Ensino Fundamental é uma realidade distante ou não.

Para entrar um pouco mais nessa questão, procurou-se pesquisar a visão dos professores no que concerne à Orientação Sexual na escola, o que pensam, como agem. Estas são algumas das questões que norteiam este trabalho.

Com base nesses pressupostos, escolheu-se como sujeitos do estudo, 10 professores pertencentes à rede pública da cidade de Cachoeira dos

Índios/PB (Escola Maria Cândido de Oliveira), com a pretensão de ter uma visão mais clara de como esse tema vem sendo trabalhado na escola acima citada.

Como suporte metodológico, essa atividade de investigação lançou mão de um questionário, contendo 06 questões discursivas, para que dessa forma pudéssemos analisar o ponto de vista dos referidos professores (aplicadas *in loco*).

Esse trabalho está estruturado da seguinte forma: No primeiro capítulo, faz-se um breve histórico da Sexualidade mostrando os avanços e retrocessos pelos quais passam essa importante abordagem, bem como, os caminhos que ela percorreu até ser “implementada nas escolas”. Ainda nesse capítulo será encontrada também a significação dos conceitos “Educação e Orientação Sexual”, temas semelhantes na terminologia, mas diferentes no significado.

No segundo capítulo, aborda-se a visão dos PCN's acerca da Orientação Sexual na escola, o porquê da abordagem desse tema nas instituições de ensino, bem como o perfil do orientador sexual, ou seja, da pessoa “ideal” para desenvolver, a sexualidade na escola.

Por fim, o terceiro capítulo é a análise das narrativas dos professores, durante as atividades realizadas durante o estágio supervisionado. Espera-se que este estudo aponte algo de novo que venha contribuir para que os professores repensem suas práticas, principalmente no que concerne às questões da sexualidade humana.

## CAPÍTULO I – Breve Histórico sobre a Sexualidade

Em nossa cultura, os costumes e padrões de interação sexual, se modificaram diversas vezes no decorrer dos séculos. De acordo com Moacir (1986, p.27)

A civilização judaica-cristã, os preconceitos morais e religiosos tiveram início com os hebreus, que ao assumirem a forma patriarcal, consideram o casamento divino, com função de reprodução e satisfação as necessidades sexuais; é importante manter a virgindade até o casamento.

Era com esta concepção que as mulheres casavam-se ainda meninas, já à primeira menstruação. A função da reprodução era muito importante; os gregos precisavam aumentar sua população. O homem deveria permanecer sem contato sexual com mulheres até atingir vinte e um anos de idade, quando se tornava "capaz de ser pai".

Os gregos acreditavam, por exemplo, que o esperma de um adolescente não teria possibilidade de fecundação. Por isso, procurava-se desviar a energia dos rapazes para os jogos, para a guerra e os estudos. Vale ressaltar que dentro do costume grego, o contato homossexual masculino não era prejudicial em oposição ao relacionamento heterossexual durante a adolescência.

Nesse sentido ter um olhar diante de nossa civilização judaica-cristã é permitir entender a sexualidade como algo que pode ser visto de forma diferente, de acordo com o momento histórico e com a cultura em que ela se manifesta.

A classe dominante romana assimila grande parte da cultura grega, podendo ser considerados "liberais"; seus costumes sexuais estão registrados nas obras de arte e pintura preservadas até hoje. Com a chegada do cristianismo e a expansão do Império Romano, surgem outros costumes (MOACIR, 1986, p. 27).

No decorrer do período que chamamos de Renascença, percebe-se com o surgimento das ciências, o cultivo do conhecimento e o estímulo da cultura

que as coisas mudaram, aparecendo regras para reger as formas de manifestações da sexualidade. Surge então um regime de repressão sexual, representado por regras, normas e leis. As normas são definidas explicitamente pela religião e pela moral.

Com o início do processo de modernização e o afloramento da burguesia, a sexualidade torna-se um problema de *questões sociais*. Até o século XVI, podemos observar que sempre existiu em relação ao sexo, uma diferença entre valores do sistema cristão e valores do sistema moral regulador do comportamento real (SAYÃO, 1999, p.102).

Ainda, observamos no século XVI, que sempre existiu em relação ao sexo, diferença entre o sistema cristão e o sistema moral. O comportamento em relação à sexualidade depende muito das atitudes observadas perante a sexualidade, o prazer, ou seja, da forma de encará-la.

Foucault (1997), no seu primeiro volume da história da sexualidade humana: a vontade de saber, propõe a existência de duas formas de apropriação do saber sexual: a *ars erótica* e a *scientia sexualis*. Por *ars erótica* entende-se por um conjunto de técnicas dirigido ao prazer sexual em suas diversas intensidades, durações, qualidades e reflexos, investigando o prazer a partir de seu interior. A *ars erótica* confunde-se com o sagrado em muitas culturas. A *scientia sexualis* Foucault entende como uma forma de saber desenvolvido após o século XVIII, graças ao avanço do saber médico. Para a medicina o assunto sexual deveria ser deixado a cargo dos confessores, sendo considerado indigno o médico ocupar-se desde assunto. A sexualidade neste campo só merecia atenção quando a saúde ou a disfunção orgânica entrava em jogo, mas nunca uma discussão sobre o comportamento sexual.

A discussão sobre a sexualidade só começa a ter uma atenção mais específica quando ocorre a separação entre a Igreja e o Estado, onde a conduta

sexual foge da exclusividade dos religiosos para se tornar um assunto do Estado, surgindo então uma preocupação com o controle demográfico.

Foucault (1997) comenta que sob a capa da repressão e silêncio sobre a sexualidade, a escola passou a falar do sexo: na vigilância e na limitação da infância, nas escolas na separação entre os sexos, no combate incansável à masturbação. Este comportamento assumido pela escola sofreu muita influência da medicina, que passou a estudar a sexualidade humana ao lado da sexualidade animal. Para os animais, o sexo tem a função de procriação da espécie, logo o exercício da sexualidade passou a ser vinculado à função reprodutora. Se a sexualidade tivesse por objetivo a reprodução ela só se manifestaria quando o aparelho reprodutor estivesse funcionando. Assim, ela deveria se manifestar na puberdade e durar até o término da atividade reprodutiva, uma vez que para a reprodução é necessário a união de dois sexos e o contato genital, logo passou a ser anormal o contato entre indivíduos do mesmo sexo (homossexualismo) e a prática da masturbação.

Em oposição a esse discurso, Nunes e Silva, (2000, p.46) afirmam:

Freud, no final do século XIX, faz uma crítica a concepção biológica da sexualidade humana. Ele questiona a tese da imoralidade, da manifestação do instinto sexual e a fragilidade dos critérios que fundamentam essa discussão. Sobre o homossexualismo, Freud argumenta não ser esse comportamento determinado biologicamente e nem sinal de degeneração da espécie, de uma história individual.

Quando as atividades sexuais que não envolvem a zona genital, ele mostra claramente que essa demarcação entre o normal e o patológico se tornava cada vez mais difícil, porque formas de perversão estão presentes nos atos sexuais ditos normais, tais como: a excitação de outras partes do corpo, o olhar, o toque.

Nunes e Silva (2000, p.47), nos informam que:

a centralidade de Freud na sexualidade está apoiada no fato de que, curiosamente, aquilo que no ser humano mais parece se aproximar da animalidade é aquilo no qual a cultura parece estar mais radicalmente escrita. Mesmo ao se submeter à cultura, que determina na maior parte dos casos do estilo heterossexual e genital da sexualidade (...) E que o instinto humano, se pudermos chamar assim, é lábil, elástico, variado.

Essa posição de Freud provoca uma verdadeira revolução na concepção da sexualidade humana. O que deve ficar claro é que a sexualidade para Freud é algo natural, presente e inevitável na vida.

Assim sendo, o educador não deve se assustar com as manifestações mais evidentes da sexualidade da criança. A sexualidade ocupa todo o espaço do corpo físico, do corpo biológico, com suas cargas e tensões. A sexualidade refere-se a uma energia que não é redutível somente ao aparelho genital humano. Infelizmente, quando se fala em sexualidade, grande parte das pessoas faz uma associação direta com sexo. Sexo e sexualidade são palavras diferente em seus significados, por essa razão se faz necessário diferenciá-las.

Não existe uma unanimidade acerca do que se convencionou chamar de "sexo". No ser humano, segundo Guimarães (1995, p. 22),

sua identificação com os órgãos genitais é um reducionismo cientificamente inaceitável, embora seja acertado considerá-lo, dentro de uma visão biológica, como um conjunto de características somáticas, genitais e extragenitais, que distinguem os gêneros entre si, separando a humanidade entre machos e fêmeas.

A palavra 'sexo' não se resume apenas à anatomia genital, a um mecanismo de reprodução ou fonte de prazer. Na espécie humana, sexo é muito mais que isso, inclui características físicas, aspectos fisiológicos, éticos, culturais e morais. Em outras palavras, sexo é a identidade sexual.

Segundo Guimarães (1995, p. 23), “sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher, e a atração de um pelo outro, para a reprodução”.

Para os PCN's (1997, p. 117) “sexo é a expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais).”

Por essas razões, diferencia-se de sexualidade que é uma dimensão inerente ao ser humano e que está presente em todos os atos de sua vida. Encontra-se marcada pela cultura, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se em cada sujeito. É com essa visão que Foucault (1997, p. 129) frisa em sua obra: “a sexualidade se constrói não apenas no biológico, mas principalmente no imaginário; a sexualidade se coloca não apenas no palpável, mas sim, no discurso que sustenta o palpável.”

Guimarães (1995, p. 24) define a sexualidade como: “...um substantivo abstrato que se refere ‘ao ser’ sexual. Comumente é entendido como ‘vida’, ‘amor’, ‘relacionamento’, ‘erotismo’, ‘prazer’.”

Para os PCN's (1997, p.117), a sexualidade

é de forma mais ampla expressão cultural.” Em seu sentido ampliado pela psicanálise, “sexualidade”, “(...) é toda uma série de excitação e de atividades presentes desde a infância, apresentadas como necessidades fisiológicas (fome, respiração, função de excreção, etc.)

Em suma, sexualidade é um conjunto de ações e relações da pessoa consigo mesma e com as outras. É um elemento básico da personalidade que determina no indivíduo um modo particular e individual de ser, de manifestar-se, de sentir, e de viver o amor.

A sexualidade não é apenas um conjunto de atos e reflexos herdados ou adquiridos na convivência social. Ela é também uma forma de satisfazer às

exigências psicológicas do indivíduo. Sexualidade tem a ver com desejo, busca de prazer inerente a todo ser humano. Sexualidade é a auto-identidade. Por isto, a escola, como instituição formadora, não deve ficar omissa, diante desta temática da sexualidade.

### **1.1. – A Significação dos Conceitos: Educação e Orientação Sexual**

Essas duas terminologias são muito conhecidas, usadas e, por vezes, confundidas, até mesmo por alguns estudiosos da área, pois ao investigar a trajetória de abordagem da sexualidade na escola, detectou-se a falta de padronização de uma terminologia básica e de uma posição teórica clara e objetiva desses conceitos. Apesar da semelhança dos termos, estes diferem no seu significado. Neste estudo, optou-se por Orientação Sexual, contudo, é interessante que se conheça o significado da expressão Educação Sexual.

Mas afinal, o que é Educação Sexual?

Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. Esse processo é global, não intencional, e envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu cotidiano. Essa forma de intervenção é denominada, segundo alguns autores, tais como: Nunes e Silva, como informal. Surgindo no seio familiar, tende a reproduzir nos jovens os padrões de moralidade de uma dada sociedade.

Já Suplicy et al (1994) denomina como sendo a Educação Sexual "aquela que inclui todo o processo informal pelo qual aprendemos sobre sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade ou da mídia". Nesse sentido, Suplicy (1993, p. 22-23) afirma que,



a Educação Sexual começa no útero da mãe e só termina com a morte. É um processo ininterrupto, e é através dele que vamos formando a nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformando nosso pensamento.

Assim, Educação Sexual diz respeito ao conjunto de valores transmitidos pela família e ambiente social, percorrendo toda a vida, com influências da cultura, da mídia (rádio, TV, revistas...) dos amigos (as), da escola, e nos permite incorporar valores, símbolos, preconceitos e ideologias. Todos nós somos educadores sexuais, logo, todas as pessoas são educadas sexualmente.

Por outro lado, entende-se que a Orientação Sexual é um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, promovendo o espaço de acolhimento, reflexão das dúvidas, valores, posturas, contribuindo para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa. Segundo Suplicy (1994, p. 162):

o termo Orientação Sexual, quando utilizado na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemático na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas.

Nessa perspectiva Vitiello (1997, p. 95) afirma que:

a Orientação Sexual implica um mecanismo mais elaborado segundo o qual, baseando-se na experiência e nos seus conhecimentos, o Orientador ajuda o orientado a analisar diferentes opções, tomando-o assim apto a descobrir novos caminhos.

Segundo Suplicy (1998, p. 8) a Orientação Sexual é um processo "formal sistemático que se propõe a preencher lacunas de informações, erradicar tabus, e abrir discussões sobre os valores que impedem o uso dos conhecimentos na área da sexualidade".

Considerando tais afirmações, o trabalho de Orientação Sexual, portanto, se propõe a ampliar, diversificar e aprofundar a visão sobre a sexualidade, abordando os diferentes pontos de vista existentes na sociedade, incluindo as práticas sexuais, ligadas ao afeto, ao prazer, ao respeito e à própria sexualidade. A Orientação Sexual não se limita apenas a uma mera informação reprodutiva ou preventiva, pois a sexualidade tem uma dimensão histórica, cultural, ética e política que abrange todo o ser: corpo e espírito, razão e emoção, podendo se expressar de diversas formas: carícias, beijos, abraços, olhares. Assim, ela envolve o desenvolvimento sexual compreendido como: saúde reprodutiva, relações de gênero, relações interpessoais, afetivas e auto-estima.

Sendo assim, Ribeiro (1990, p. 34) defende que, "além da escola (...), qualquer instituição pode desenvolver projetos de Orientação Sexual". Orfanatos, creches, comunidades, sindicatos são espaços a serem conquistados para se desenvolver programas de Orientação Sexual. A discussão sobre a sexualidade é algo tão importante, que o MEC (Ministério da Educação e Cultura) o incluiu como tema transversal nos PCN's, lançados em 1998.

## CAPÍTULO II - SEXUALIDADE NA ESCOLA

Tratar do tema Educação Sexual não é novidade, principalmente quando se pensa na questão da sexualidade na escola. Contudo, é interessante nos remetermos a alguns fatos e datas significativas pelas quais passam esta importante abordagem. Sayão (1997), aponta o surgimento da Educação Sexual na França a partir da segunda metade do século XVIII. A partir desse período a Educação Sexual começou a preocupar os educadores.

Essa educação tinha como objetivo maior combater a masturbação, tendo como pano de fundo as idéias de Rousseau, para quem a ignorância era a melhor forma de manter a pureza infantil. Um século depois (XIX), retomam-se as discussões acerca da abordagem da sexualidade nas escolas, preocupadas agora com as doenças venéreas e o aumento do aborto clandestino.

No século XX também ocorreram iniciativas favoráveis a Educação Sexual, desta feita com a finalidade de ensinar jovens a transmitirem a vida, dada à relação entre instinto sexual e reprodução humana. Em 1950, surge na França uma lei proibindo o aborto e a propaganda dos anticoncepcionais. Apesar de a França ter sido considerada o berço das discussões acerca da sexualidade na escola, constatou-se que a Educação Sexual propriamente dita, organizada em escolas e instituições teve como país pioneiro a Suécia. De acordo com Ribeiro (1990, p. 60), "em 1970 a Suécia teve as primeiras conferências públicas sobre as funções sexuais". As primeiras reivindicações referiam-se as informações sobre o livre acesso aos métodos contraceptivos e o direito ao aborto em certas circunstâncias, todas aprovadas pelo governo em 1938.

Ribeiro (1960, p. 62) cita ainda que a Suécia teve a Educação Sexual na escola recomendada pelo governo, em 1942 e declarada obrigatória em 1956.

ao contrário da França, que apesar de ser considerado o país precursor nas discussões sobre a inclusão da Educação Sexual na escola, só inseriu oficialmente esse tema nos currículos escolares, em 1973.

Contudo, verificou-se que a idéia de uma Educação Sexual já estava presente desde o início do século, quando Freud revolucionou as Ciências Humanas com suas teorias sobre a sexualidade e suas implicações para o comportamento humano.

Nunes e Silva (2000, p. 46) afirmam que:

até a eclosão do fantástico pensamento de Freud não se admitia que existisse na criança o que ele chamou de "impulso sexual". No máximo, admitia-se que durante o período de puberdade o jovem começasse a se interessar pelas chamadas "coisas sexuais". Em seus estudos, Freud considerou a sexualidade infantil desde o nascimento da criança (a primeira infância) Freud foi o primeiro a considerar com naturalidade os atos e efeitos sexuais das crianças como ereção, masturbação e mesmo simulações sexuais.

No Brasil, conforme Sayão (1995, p. 108), "os primeiros registros das discussões sobre a Educação Sexual na escola data do início do século passado, mais precisamente em 1920". É nessa época que surgem as primeiras preocupações com a Educação Sexual no país. Influenciada pelas correntes médicas, em destaque na França, essa educação tinha como objetivo combater a masturbação, as doenças venéreas, bem como o preparo da mulher pra exercer o papel da esposa e mãe, visando sempre à "saúde pública" e a "moral sadia" procurando assegurar a saudável reprodução da espécie. De acordo com Sayão (1995, p. 132),

é na década de 20 que segmentos sociais inovadores, entre eles o movimento feminista liderado por Berta Lutz, tenta implantar a Educação Sexual nas escolas, tendo como objetivo proteger a infância e a maternidade. E, em 1928, ou seja, oito anos após esse movimento, é aprovado em um Congresso Nacional de Educadores a proposta de um programa de Educação Sexual nas Escolas para crianças acima de 11 anos de idade.

Guimarães (1995) comenta que em 1930 o Jornal Diário da Noite realizou uma pesquisa pública obtendo resposta de grande apoio à Educação Sexual, havendo divergências apenas no conteúdo programático. Nesse mesmo ano, o colégio Batista do Rio de Janeiro, por iniciativa do professor Stawiarski, inclui no currículo o ensino da evolução das espécies e Educação Sexual. Esse programa, a princípio, restringia-se à análise do papel feminino na reprodução. Cinco anos após (1935) essa iniciativa foi incluindo o comportamento sexual masculino. O professor responsável por tal iniciativa sofre um processo jurídico sendo demitido posteriormente do referido colégio.

De acordo com Sayão (1995, p. 101) “de 1935 até 1950 não se tem conhecimento de trabalhos ou iniciativas ligadas à sexualidade. O que resultou em um verdadeiro recuo no caminho da Educação Sexual no Brasil, pois durante esse período não evoluiu o pensar a respeito da sexualidade na escola”.

Segundo Guimarães (1995, p. 112) “na década de 50 a igreja católica que dominava o sistema educacional da elite brasileira, manteve severa repressão a Educação Sexual. Nesse período, também surgem alguns livros referentes à sexualidade”.

A década de 60 foi marcada em nosso país por mudanças políticas radicais. O golpe de 1964 levou os militares ao poder. Esse período repressivo também deixou marcas no processo de implantação oficial nas escolas de uma Educação Sexual. Guimarães (1995) mostra que de 1963 à 1966, ocorreram várias tentativas de implantação da Educação Sexual nos programas para os alunos, tanto em escolas públicas como em escolas privadas. Algumas escolas, na época, destacavam-se por suas experiências, entre elas estão: o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Minas Gerais, que introduz no currículo um

programa de Educação Sexual para alunos das 8ª séries. Esse programa teve duração de três anos apenas, devido à reação negativa dos pais.

De acordo com Sayão (1997) em São Paulo, alguns programas experimentais e igualmente significativos também foram iniciados em algumas escolas da rede pública nesse período. Essas escolas tinham uma orientação mais progressista, cuja metodologia, trouxe vários reflexos para a implantação de futuras temáticas sobre a Educação Sexual nas escolas brasileiras. No entanto entre 1963 e 1968, o Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, desenvolveu trabalhos na área da sexualidade com seus alunos. Esses encontros eram registrados por monitores e a coordenação de tais encontros ficava a cargo de orientadores educacionais, com a colaboração dos professores de Ciências. Muitos desses registros, foram destruídos pelos próprios educadores, temerosos com o vasculhamento dos seus pertences, quando do fechamento desse colégio pela repressão em 1970.

Ainda em 1968, a deputada Julia Steimbruck, do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei à Câmara dos Deputados propondo a implantação obrigatório da Educação Sexual em todas as escolas do país e em todos os níveis (SAYÃO, 1997).

Apesar desse projeto ter recebido apoio de grande parte dos deputados e educadores, a Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação pronunciou-se radicalmente contra a introdução da Educação Sexual nas escolas, com argumentos moralistas e sentimentais, conseguindo, com isso, barrar tal iniciativa. Ribeiro (1993) nos informa que em novembro de 1970, esse projeto ainda se encontrava em tramitação.

Apesar disso, Guimarães (1995, p. 108) informa que os colégios cariocas, Infante Dom Henrique e Orlando Roucas, introduziram nesse período a Educação Sexual em seus currículos. Neste, a diretora foi exonerada do cargo, vários professores foram suspensos e alguns alunos foram expulsos.

De 1968 a 1970, o Brasil atravessa um período de intensa repressão em todos os níveis, resultando no fechamento de vários ginásios. Instala-se um clima de moralismo, aumento da censura e medo. De acordo com Ribeiro (1990, p. 30), “mesmo com o risco da repressão, as experiências de alguns projetos continuaram embora muitos não fossem divulgados”. Contudo, Guimarães (1995, p. 34) descreve que, embora não existisse uma lei proibindo a Educação Sexual, administradores escolares temerosos retiram os programas das escolas. Ela cita ainda, que “as experiências continuaram em escolas particulares, mas de modo esparso e com pouca divulgação”.

De acordo com Ribeiro (1990), na segunda metade da década de 70, mais precisamente entre 1974 e 1975, José Maria de Toledo Camargo comandante da Escola Preparatória de Cadetes do Exército, (em Campinas, SP) organizou uma série de conferências sobre Orientação Sexual para alunos do segundo grau, pertencentes à Escola Militar

Segundo Guimarães (1995) em 1978 com o início da abertura política, foi realizado, por iniciativas particulares, o I Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas Escolas, em São Paulo, que teve como objetivo debater a dimensão pública da Educação Sexual. Nesse congresso registrou-se um grande interesse dos educadores para com o tema, reunindo cerca de 2000 pessoas. SAYÃO (1997) destaca que nessa mesma época, em São Paulo, a Educação Sexual passa a ser abordada em programas de saúde.

Ribeiro (1990) mostra que entre 1978 e 1979 a Prefeitura Municipal de São Paulo iniciou um projeto em três escolas da rede municipal. Esse programa toma dimensões bem maiores passando a incluir 20 escolas, envolvendo orientadores educacionais e professores. Conforme cita Guimarães (1995, p. 79), "no final da década de 70, surgem entidades com fins de controle populacional como a BENFAM (Sociedade Civil para o Bem Estar Familiar no Brasil) que organizou o I Seminário Técnico de Educação Sexual, com Orientação Sexual nas Escolas causando grande problema".

A década de 80 foi onde mais veiculou-se questões ligadas a Educação Sexual. A abertura política pela qual passou o Brasil, trouxe importantes implicações no campo da sexualidade. Guimarães (1995) revela que é em 1980, que a sexóloga Marta Suplicy faz um quadro no programa Tv Mulher falando sobre sexo. Esse quadro trouxe várias influências em escolas, universidades e sociedade em geral despertando o debate sobre o tema.

Os PCN's (1997) reiteram que é apenas em meados dos anos 80, que a busca por trabalhos na área da sexualidade nas escolas aumenta e começa a preocupação dos educadores, em virtude do grande número de gravidez precoce, entre adolescentes, do surgimento da AIDS. Nos anos 90, os trabalhos se tornam mais intensos, devido ao crescente número de adolescentes grávidas e ao número de casos de AIDS.

No ano de 1995, o MEC coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) a serem apreciados pelo Conselho Nacional de Educação. Em 1997 o Ministério propõe os PCN's para o Ensino Fundamental (1º grau) em todas as escolas do país. Essa proposta curricular inclui, como um dos temas transversais, a Orientação Sexual a ser abordada pelos professores de 1ª a



4ª séries; nas diversas disciplinas. Em 1998, a proposta de Orientação Sexual como tema transversal se expande, abrangendo o currículo de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio.

No final dos anos 90 até os dias atuais muitas discussões vêm sendo elaboradas com o objetivo de que os educadores possam discutir a sexualidade na escola. O contexto atual expressa abertamente a necessidade da inclusão da Orientação Sexual na escola onde esta seja abordada de forma clara. Resta-nos saber se os professores estão preparados para atuar em um campo tão cheio de questionamentos. Afinal, os educadores de hoje, muitos foram jovens ontem, que sofreram repressões sexuais e políticas e, que com certeza deixaram marcas profundas no seu modo de pensar, nos seus comportamentos, tais como, mitos e tabus.

### **2.1. Orientação Sexual: por que na Escola?**

A escola é uma instituição na qual transitam os valores sociais vigentes entre os quais aqueles referentes a sexualidade está presente. Nesse sentido, a escola, querendo ou não, lida diariamente com expressões da sexualidade, seja através de uma política de repressão quando proíbe ou inibe determinadas atitudes e não outras, sejam de acordo com seus princípios e normas implícitas ou explícitas, nem sempre claras para a comunidade escolar. Quer dizer, a escola se depara com situações nas quais sempre intervém. Portanto, é sem dúvida, uma das instituições que mais reflete as regras sociais, cuja atuação e funcionamento têm papel decisivo na construção do sujeito. É um local reconhecido pelo grupo social como transmissora de informações, habilidades e valores culturais, socialmente compartilhados.

4ª séries; nas diversas disciplinas. Em 1998, a proposta de Orientação Sexual como tema transversal se expande, abrangendo o currículo de 5ª a 8ª séries e Ensino Médio.

No final dos anos 90 até os dias atuais muitas discussões vêm sendo elaboradas com o objetivo de que os educadores possam discutir a sexualidade na escola. O contexto atual expressa abertamente a necessidade da inclusão da Orientação Sexual na escola onde esta seja abordada de forma clara. Resta-nos saber se os professores estão preparados para atuar em um campo tão cheio de questionamentos. Afinal, os educadores de hoje, muitos foram jovens ontem, que sofreram repressões sexuais e políticas e, que com certeza deixaram marcas profundas no seu modo de pensar, nos seus comportamentos, tais como, mitos e tabus.

### **2.1. Orientação Sexual: por que na Escola?**

A escola é uma instituição na qual transitam os valores sociais vigentes entre os quais aqueles referentes a sexualidade está presente. Nesse sentido, a escola, querendo ou não, lida diariamente com expressões da sexualidade, seja através de uma política de repressão quando proíbe ou inibe determinadas atitudes e não outras, sejam de acordo com seus princípios e normas implícitas ou explícitas, nem sempre claras para a comunidade escolar. Quer dizer, a escola se depara com situações nas quais sempre intervém. Portanto, é sem dúvida, uma das instituições que mais reflete as regras sociais, cuja atuação e funcionamento têm papel decisivo na construção do sujeito. É um local reconhecido pelo grupo social como transmissora de informações, habilidades e valores culturais, socialmente compartilhados.

A escola é um espaço de convivência e relacionamento, onde há uma presença nítida da sexualidade, seja através dos professores e das professoras, dos próprios adolescentes, das crianças, de homens e mulheres, todos educados de diferentes formas. Ribeiro (1990, p. 31), mostra que: "A escola está sendo a instituição mais indicada pelas autoridades educacionais, pelos especialistas e pela sociedade em geral como sendo o campo fértil e ideal para se instituir a Orientação Sexual." A esse respeito, Vitiello (1997, p. 57) tece o seguinte comentário: "A Educação Sexual deve ser implementada nas escolas porque não há outro lugar onde se consiga reunirem jovens."

Alguns motivos justificam a Orientação Sexual na escola, como por exemplo; jovens bem informados costumam iniciar a vida sexual mais tarde e com maior responsabilidade. Muitas famílias não abrem espaço para o diálogo em casa e deixam essa função para a escola. Assim, as crianças e os adolescentes conversam sobre sexo com os amigos e podem receber informações incompletas, errôneas e preconceituosas.

Suplicy (1998, p. 10-11), na obra ***Sexo se Aprende na Escola***, cita sete itens que justificam o porquê da Orientação Sexual na escola a saber:

- a) porque a escola não pode fugir à sua responsabilidade;
- b) devido à falta de informação;
- c) para superar medos e preconceitos;
- d) para o bem-estar sexual;
- e) para ajudar na formação de identidade;
- f) para abrir canais de comunicação e
- g) finalmente, porque ajuda a repensar valores.

Sendo a escola um lugar de curiosidades, sonhos, medos, idéias, aprendizagens, conquistas, descobertas etc., esta não pode excluir as manifestações da sexualidade e, sim criar um espaço de discussão aberta e

franca sobre ela, deixando de lado os próprios preconceitos, permitindo que cada um se mostre como é: com suas dúvidas, conflitos, medos. É ela quem detém os meios pedagógicos necessários para a intervenção sistemática sobre a sexualidade, de modo a proporcionar a formação de uma opinião mais crítica sobre o assunto, permitindo, assim, a satisfação e os anseios dos alunos.

Para Nunes & Silva (2000) quando as dúvidas das crianças são acolhidas, menor é a agitação em sala de aula e melhor é o desenvolvimento escolar. Impedir o conhecimento, seja por valores rígidos ou em nome da 'moral' e dos bons costumes em nada beneficia a criança, ao contrário, pode provocar sérios bloqueios de aprendizagem, porque impede o desenvolvimento da curiosidade pelo saber e a espontaneidade.

Além disso, a escola constitui um espaço onde os indivíduos passam grande parte de suas vidas formando novos e importantes vínculos socioafetivos, sendo natural que levem consigo o desejo de terem suas expectativas respondidas em relação à sexualidade. A este respeito, Sayão (1995, p. 113) afirma:

o trabalho de Orientação Sexual desenvolvido pela escola diferencia-se, pois da abordagem assistemática realizada pela família, principalmente, no que diz respeito à transmissão dos valores morais indissociáveis à sexualidade. Se, por um lado, os pais exercem legitimamente seu papel ao transmitirem seus valores particulares aos filhos, por outro lado, o papel da escola é o de ampliar esse conhecimento em direção à diversidade.

Nesse sentido, a Orientação Sexual na escola deve fundamentar-se numa visão pluralista da sexualidade, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados. A Orientação Sexual na escola não pretende substituir, nem tão pouco concorrer com a função da família, e sim, servir de complemento, possibilitando discussões de diferentes pontos de

vista associados à sexualidade, pois cada família tem seus valores, que são transmitidos dos pais para os filhos. Logo, a escola não deve ocupar seu lugar.

Corroborando esse pensamento, Suplicy (1998, p. 12) afirma:

A Orientação Sexual na escola se propõe a ampliar, diversificar a visão sobre a sexualidade, transmitindo à criança e aos adolescentes informações biológicas, corretas sobre a sexualidade incluindo o conceito, as práticas sexuais ligadas ao afeto, ao prazer, ao respeito e à responsabilidade.(...) É desejável que a Orientação Sexual aborde a sexualidade dentro de um enfoque sociocultural, ampliando a visão do estudante e ajudando no aprofundamento e na reflexão sobre seus próprios valores.

O trabalho de Orientação Sexual constitui um processo formal e sistemático, o que envolve um espaço no currículo escolar. Não se trata de um fenômeno episódico, como uma palestra realizada por médicos, psicólogos, entre outros, ou de uma abordagem esporádica como: feira da cultura, feira de Ciências ou algo dessa natureza. Como todo e qualquer processo educativo apresenta efeitos e resultados demorados, que muitas vezes só são observados em longo prazo.

Desta feita, cabe à escola abrir um canal para o debate permanente com crianças e jovens acerca das questões relacionadas à sexualidade, como bem explicita os próprios PCN's (1997). Esse tipo de trabalho exige planejamento e intervenção por parte dos profissionais da educação, pois não deve limitar-se à veiculação de informações de caráter puramente biológico, ou preventivo, no que se refere somente ao controle das doenças sexualmente transmissíveis, gravidez e outros inconvenientes sociais, mas, do contrário, devem incluir um questionamento mais amplo sobre o sexo e seus valores, seus aspectos preventivos para o indivíduo como forma de exercício da cidadania. Deve-se salientar que a participação dos pais também é fundamental no processo de Orientação Sexual, pois incentiva o processo de co-responsabilidade.

O fundamental é desenvolver um trabalho educativo positivo de valorização humana, mesmo que limitado o seu alcance, através de uma intervenção pedagógica adequada que possibilite a todos, capacidades de escolhas. A Orientação Sexual na escola deve ser trabalhada de forma contínua e integrada, uma vez que seu estudo remete à necessidade de se recorrer a um conjunto de conhecimentos relativos a diferentes áreas como: História, Antropologia, Sociologia, Biologia, Psicologia e outras mais. Além disso, ela deve ocorrer num âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual de cunho psicoterapêutico.

Dessa forma, a Orientação Sexual oferecida pela escola deve abordar as diversas mensagens transmitidas pela mídia (TV, revistas, rádio etc.), família, amigos, escola e sociedade, auxiliando o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão.

O objetivo geral de um trabalho de Orientação Sexual é permitir que crianças e adolescentes entendam a sexualidade como um aspecto positivo da vida humana, propiciando-se a livre discussão de normas padrões de comportamento em relação ao sexo e o debate das atitudes pessoais frente à própria sexualidade.

Sendo assim, o papel da escola é o de promover debates entre os alunos, fornecendo informações claras e objetivas. A função da escola não é dizer o que é 'certo' ou 'errado', mas preparar o aluno para distinguir o que é biológico, o que vem da cultura, das classes sociais a que pertence, levando-o a assumir responsabilidades. Cabe aos pais se posicionarem claramente sobre o que consideram importante para seus filhos.

Os PCN's (1997) deixam claro que a função da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes e valores baseados nos direitos humanos, nos relacionamentos de igualdade, no bem-estar social e no respeito entre as pessoas. É com essa intenção que os PCN's (1997, p. 12) citam:

Se a escola que se deseja deve exercer uma ação integradora das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para a sexualidade ligada à vida, à saúde, (...) que integra as diversas dimensões do ser humano.

Assim sendo, a função da escola é a de complementar o que o aluno traz de casa, suprir lacunas, combater preconceitos e rever conceitos distorcidos. É com esse pensamento que Sayão (1997, p. 102) tece o seguinte comentário:

Não há dúvida alguma de que a escola desempenha uma função na Educação Sexual de seus alunos. O grande problema é que os seus representantes diretos entre os jovens, os professores, nem sempre se dão conta disso em suas ações individuais e/ou coletivas.

A escola é um espaço que formaliza o conhecimento, promove e facilita a aprendizagem sobre o mundo. Ela é um espaço de convivência social, amorosa e emocional, seja da criança e/ou do adolescente, onde permanecem grande parte de suas vidas. Portanto, a escola deve discutir tabus, preconceitos, valores e os papéis/relação de gêneros.

## **2.2. Orientação Sexual nos PCN's.**

Sob a coordenação do MEC, em 1995 iniciou-se um processo de elaboração de Parâmetros Curriculares Nacionais, para o Ensino Fundamental. A questão curricular é um dos aspectos que, relacionando-se com a política educacional, pode contribuir para melhoria da qualidade do ensino no país. A

Orientação proposta nos Parâmetros baseia-se nos princípios construtivistas e valoriza o desenvolvimento de diferentes capacidades para a utilização crítica e criativa do conhecimento. E como se dá a inserção da Orientação Sexual nessa proposta?

Segundo Nunes & Silva (2000, p. 132) "ao analisar a sociedade contemporânea detectou-se a existência de questões sociais emergentes que não são abarcadas por completo nas disciplinas tradicionais. Surge então a proposta de Temas Transversais, que buscam contemplar questões relativas à Saúde, Meio Ambiente, Ética, Pluralidade Cultural e Orientação Sexual".

Sendo assim, os PCN's citam que a Orientação Sexual deve ser abordada de duas formas:

- a)** dentro da programação, por meio dos conteúdos, ou seja, transversalizados nas diferentes áreas do ensino;
- b)** extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema. Não se trata, portanto, de criar novos conteúdos, e, sim, desvendar a dimensão da sexualidade em geral.

Desse modo, os blocos de conteúdos, propostos para o Ensino Fundamental abarcam três eixos fundamentais que devem nortear toda e qualquer intervenção do professor ao abordar o tema em sala, que são:

- a)** o corpo: matriz da sexualidade, tratado como um todo integrado em suas funções biológicas, perspectivas e de relação social;
- b)** as relações de gênero, no sentido das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos;



c) a prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, com ênfase na prevenção e na saúde, e não nas doenças, a fim de não vincular a sexualidade à doença ou à morte.

Esses conteúdos podem e devem ser flexíveis, de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma, a cada momento, pois o professor também pode abordar temas trazidos pelas crianças; aliás, julga-se ser este o ponto de partida do trabalho.

Para tanto, os PCN's propõem que a relevância sociocultural deva ser um critério de seleção dos conteúdos e que os professores, ao abordá-los nas escolas, levem em consideração as dimensões biológicas, culturais, psíquicas e sociais, pois sendo a sexualidade uma construção humana, esta se encontra marcada pela história, pela cultura, pela ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressados com singularidade em cada sujeito.

Nesse sentido, o trabalho denominado pelos PCN's de Orientação Sexual visa preencher lacunas nas informações que as crianças e jovens apresentam, proporcionando informações atualizadas, do ponto de vista científico, dando-lhes a oportunidade de formarem opiniões do que lhe é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegerem como seus, ampliando os conhecimentos a respeito da sexualidade humana, combatendo tabus, preconceitos, abrindo espaços para discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação dos indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

Os PCN's (1997) mostram que o trabalho de Orientação Sexual pode ser desenvolvido desde quando a criança entra na escola, ou melhor, desde a alfabetização e se desenvolve ao longo de toda a seriação escolar. Na verdade,

não existe uma faixa etária pré-determinada para que se desenvolva esse trabalho, pois as manifestações da sexualidade infantil ocorrem desde muito cedo e são inerentes ao desenvolvimento humano. Suas expressões mais frequentes acontecem na realização de carícias do próprio corpo, nas curiosidades sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas, nas piadas, entre outras. Essas manifestações também ocorrem no âmbito escolar e é necessário que a escola, enquanto instituição educacional, posicione-se clara e consciente sobre as referências e limites com os quais deve trabalhar as expressões da sexualidade da criança.

Não é necessário inculcar informações à criança. Porém, o inadequado é não satisfazer suas curiosidades com franqueza à medida que elas forem surgindo. É importante conversar com as crianças numa linguagem que elas dominem e que possam entender. "(...) Enfim, é necessário ter respeito à sexualidade infantil, o que significa respeitar a criança como um ser humano completo em capacidade de amar". (NUNES & SILVA, 2000, p.51)

As questões que as crianças das séries iniciais (1º e 2º ciclos) trazem para a escola, ligada à sexualidade, giram em torno da compreensão, do relacionamento sexual, ou seja, como ele ocorre, das transformações do corpo durante a puberdade e os mecanismos da compreensão, gravidez e parto.

A proposta definida pelos PCN's para o Ensino Fundamental visa contribuir para que as crianças e jovens possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade, visando à promoção do bem-estar sexual, pautando-se sempre pelo respeito por si e pelo próximo, buscando garantir a todos direitos básicos, como: saúde, informações e conhecimento,

elementos indispensáveis na formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.

A Orientação Sexual como tema transversal proposto pelos PCN's deve ser entendido como um processo de intervenção pedagógica, cujo objetivo é transmitir informações, problematizar questões e ampliar o leque de conhecimentos e opções referentes à sexualidade, incluindo posturas, ideologias, crenças e tabus, propiciando debates e discussões a ela relacionada, para que o próprio aluno escolha seu caminho.

Os PCN's apontam uma transformação na prática pedagógica, pois rompem a limitação da atuação dos educadores às atividades formais e ampliam o leque de possibilidades para a formação do educando.

Portanto, a Orientação Sexual destinada ao Ensino Fundamental proposta pelos PCN's, busca preencher lacunas nas informações que as crianças e jovens apresentam, proporcionando informações atualizadas do ponto de vista científico, dando-lhes a oportunidade de formarem opiniões do que lhes é apresentado, desenvolvendo atitudes coerentes com os valores que eles elegerem como seus, ampliando conhecimentos a respeito da sexualidade humana, combatendo tabus, preconceitos, abrindo espaço para discussões de emoções e valores, elementos fundamentais para a formação de indivíduos responsáveis e conscientes de suas capacidades. O fato de os alunos permanecerem na escola por muitos anos, as oportunidades de trocas e convívio social, os relacionamentos amorosos que aí surgem, colocam esta instituição como espaço ideal para oferecer uma Orientação Sexual.

### 2.3. Perfil do(a) Orientador(a) Sexual

A intenção aqui não é definir o perfil ideal do educador apto a desenvolver um trabalho de Orientação Sexual na escola, mas mostrar como vem se constituindo esse perfil, ou seja, o que os estudiosos dizem a esse respeito.

Conforme a literatura consultada (VITIELLO,1997; SUPPLY , 1999 et al), não existe uma exigência profissional específica para alguém exercer o papel de orientador sexual. No entanto, os estudiosos acreditam que a escolha mais adequada tem sido o próprio professor(a), de preferência aquele(a) que tem maior empatia pelo aluno e que está em sintonia com a sua linguagem, de tal forma que seja capaz de exercer autoridade com afetividade e não com autoritarismo. É o professor que convive com seus alunos, muitas vezes diariamente, que conhece a forma como vivem em grupo, seus conflitos etc.

Não é necessário que seja um professor de Ciências, pois se tratando da sexualidade, o conhecimento do corpo é importante, mas insuficiente para mudança de práticas e atitudes. Além disso, não garante que o professor de Ciências tenha atitude e postura para ser um bom Orientador Sexual.

O importante é que este professor(a) tenha abertura e receptividade como os alunos e interesse pelo tema. É necessário portanto, que o Educador(a) ao trabalhar a Orientação Sexual na escolas tenha capacidade de rever sua postura e seus conhecimentos constantemente. O Orientador Sexual é acima de tudo um educador que observa e reflete para o grupo (alunos) as diversas opiniões para que cada indivíduo se torne capaz de ser sujeito de seu desenvolvimento emocional e sexual.

Vitiello (1997, p. 104) afirma que:

O professor ideal é aquele que normalmente é o mais procurado pelos alunos para um conselho, ou um esclarecimento, qualquer que seja a disciplina que ele habitualmente ministre, pois, o simples fato de ser alvo de confiança dos jovens, já demonstra possuir credenciais que o capacitam para exercer a atividade de educador sexual devendo apenas ser adequadamente treinado. Deve ainda estar ele bem adequado com a sexualidade, tendo a coragem de desafiar seus próprios tabus e preconceitos, reconhecendo suas próprias falhas.

Nesse sentido, o Orientador Sexual "ideal" é aquele que está aberto para questionamentos e predisposto as mudanças, a escutar o aluno, reconhecendo seus limites, pois estes deverão ser encorajados a expressar suas idéias e opiniões sem ter que dar depoimentos pessoais.

Tal visão assemelha-se a de Ribeiro (1990, p. 33), quando faz o seguinte comentário.

O Orientador Sexual, por sua vez, deverá ter uma formação específica e distinta, de maior duração, envolvendo aspectos desde conhecimentos teóricos a serem transmitidos, até a aquisição de atitudes positivas e sadias em relação à sexualidade, sua própria e de outrem, e da capacidade de tratar com naturalidade as questões que serão abordadas. E o critério de seleção indispensável é que o 'candidato' esteja interessado na temática e se sinta à vontade para falar de sexo.

Desse modo, as principais características do professor facilitador do trabalho de Orientação Sexual são: disponibilidade em lidar com o assunto e o compromisso de estar atualizado com as informações referentes á sexualidade, bem como sobre os recursos a serem usados pelos alunos. O educador deve garantir o respeito às diferenças, que é condição fundamental na viabilização do trabalho de Orientação Sexual. Além disso, é preciso garantir a ética do trabalho por parte dos alunos e do professor, bom senso; facilidade em dirigir dinâmica de grupo, desejo por conhecimento do assunto; bom relacionamento com os alunos

e tranquilidade em relação à sexualidade são algumas das condições necessárias ao orientador.

É com esse pensamento que Suplicy (1993, p. 33) comenta:

O papel do educador não é de impor a conformidade a um determinado tipo de padrão de comportamento, mas sim o de proporcionar novos conhecimentos, estimular o questionamento do que se sabe e proporcionar o intercâmbio de opinião que levem às decisões individuais. O educador deve propiciar o crescimento através da busca da verdade. Se o educador se propuser a ensinar o "certo" e o "errado" ele se colocará na posição de dono da verdade.

Em suma, qualquer professor (a) poderá exercer esse papel, desde que tenha abertura receptiva para o grupo e interesse pelo tema, despertando e encorajando o educando a buscar apoio quando necessário e a participar como protagonista de sua própria história.

### **CAPÍTULO III – A Orientação Sexual na Visão dos Educadores**

Neste capítulo, pretende-se analisar a visão dos professores do Ensino Fundamental, frente ao tema Orientação Sexual na escola. Abordar a sexualidade na escola não é tarefa fácil para grande parte dos educadores, sobretudo do Ensino Fundamental. Alguns alegam que não estão preparados para discutir esse assunto, outros que não têm conhecimento, que as crianças estão muito pequenas e não necessitam de informações etc. Essas são algumas das “desculpas” que podem ser ouvidas constantemente por qualquer pessoa interessada no assunto.

Acredita-se que os professores saibam que a sexualidade é algo inerente ao ser humano e que suas manifestações afloram em todas as faixas etárias, contudo, existem algumas escolas que tentam ignorar, ocultar e, na maioria das vezes, reprimir determinadas atitudes dos alunos diante das manifestações da sexualidade, seja por falta de conhecimento e esclarecimento por parte dos profissionais de educação, já que os governantes não oferecem condições e se trabalhar esse tema, seja porque estes acreditam que a Orientação Sexual é de inteira responsabilidade da família ou por que não estão preparadas. O fato é que, de uma forma ou de outra a escola sempre intervém positiva ou negativamente.

Guimarães (1997, p. 17), nos mostra que: “tradicionalmente conservadora, a escola revela alguns pontos evidentes de que não está bem resolvida em relação a inserção da sexualidade em seus trabalhos.”

Diante dessa afirmação pergunta-se: será que diante dos avanços da AIDS, do crescente número de gravidez precoce, a “escola” ainda não se deu conta de que precisa incluir a temática da sexualidade em seus trabalhos? Foi

com essa indagação que se buscou investigar como a orientação Sexual vem sendo implementada no Ensino Fundamental, como os professores vêm abordando, esta temática em sala de aula e quais os subsídios utilizados.

Nesse sentido, este estudo foi realizado com 10 professores do Ensino Fundamental da cidade de Cachoeira dos Índios/PB, pertencentes a Escola Municipal Maria Cândido de Oliveira, pretendendo-se, com isto, ter uma visão mais próxima das questões que envolvem a abordagem desta temática na escola. Para a realização desta atividade de investigação, utilizou-se como técnica de coleta de dados um questionário (EM ANEXO), contendo 06 (seis) questões abertas, para que os professores pudessem expor suas opiniões livremente, para verificar a hipótese de que a abordagem da Orientação Sexual no Ensino Fundamental é uma realidade distante ou não.

Nas opiniões emitidas pelos professores sobre a inclusão da Orientação Sexual, percebe-se uma certa ausência de conhecimento relativo ao tema. Este fato fica evidente quando foi solicitado aos professores sobre o que eles consideravam importante para o desenvolvimento de um programa de Orientação Sexual na escola, 100% deles consideravam importante, uma vez que na escola observada o assunto “é muito precário”, ou seja, a escola não oferece condições, material didático, curso de aprofundamento a respeito, já que um trabalho dessa natureza poderia ajudar a escola a resolver várias questões, como por exemplo, a queda dos tabus e melhorar a compreensão da sexualidade na realidade atual. Podemos constatar este fato na fala de um dos professores que diz: “se fosse feito estudo sobre este assunto, com todos nós professores ia nos ajudar bastante.” O que podemos perceber com essa fala é que, embora não



satisfeitos com sua prática, os professores se mostraram abertos as discussões e questionamentos.

Quando perguntamos aos professores se eles abordavam questões relativas a sexualidade em sua sala de aula, 50% afirmaram que abordam, mesmo de forma superficial, esclarecendo apenas algumas dúvidas que por ventura venham a surgir e isso apenas com o conhecimento que adquiriram na vida cotidiana, como afirma a professor X: “quando os alunos fazem alguma pergunta relacionada a esta questão, então eu procuro responder ao meu modo.” Os demais professores (50%) responderam que são vários os fatores que impedem a abordagem do tema como por exemplo: falta de subsídios didáticos, respaldo teórico., e falta de material adequado.

Um outro dado que chama atenção é o fato de alguns professores afirmarem que acham importante a abordagem da sexualidade na escola, devido ao índice de gravidez na adolescência. Essa afirmação nos faz pensar que os professores percebem, a Orientação Sexual como uma forma de “punição”. Pelas falas dos pesquisados, é como se o objetivo da Orientação fosse impedir os adolescentes de “transar”. Professora Y diz: “precisamos falar mais sobre o que é sexualidade, para que as adolescentes não engravidem.” Ao contrário do acima exposto, o objetivo da Orientação Sexual é orientar os adolescentes para que estes quando forem iniciar a vida sexual, previnam-se, ou seja, o objetivo é orientá-los à prática do sexo com responsabilidade.

No que diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores investigados ao abordar a Orientação Sexual na escola, 20% da amostra afirma que uma das dificuldades encontradas por estes ao abordar tal temática, é a incompreensão dos pais sobre o assunto é um dos fatores que contribuem para a

não abordagem deste tema. Podemos constatar na fala do professor B: “falar sobre sexualidade, requer bastante conhecimento teórico.” A respeito disso Nunes e Silva (2000, p. 32) tem o seguinte comentário: “a omissão consciente, aquela que tem consciência de que não domina ou se possui o instrumento para a Orientação Sexual deve ser duramente questionada.”

Para tentar compreender os dados apresentados neste estudo, buscou-se fundamentação teórica na pesquisa bibliográfica, nos conhecimentos precedidos de outras leituras, bem como na análise de conteúdo.

Com o intuito de ter uma visão mais aprimorada da realidade pesquisada, apresenta-se a seguir a análise das narrativas dos professores das séries iniciais do Ensino Fundamental sobre suas experiências em sala de aula relacionadas a questão da sexualidade.

### **3.1. Narrativas dos Professores das Séries Iniciais sobre Sexualidade.**

Na realização das atividades programadas no Estágio de Supervisão Escolar sobre o tema sexualidade, iniciamos enfocando a temática e chamando a atenção para algumas questões que seriam abordadas no decorrer dos encontros. Estes foram estruturados de forma que os professores pudessem participar na elaboração da proposta de trabalho. No primeiro encontro foi realizado uma estratégia pedagógica denominada: “técnica do semáforo” em que os educadores escreviam uma palavra sobre a sexualidade, em seguida colocavam as fichas nos “sinais do semáforo”, dependendo do grau de dificuldade que atribuíssem aos temas (vermelho = muita dificuldade, Amarelo = pouca dificuldade, Verde = não tem dificuldade). Essa atividade teve como propósito

identificar as questões significativas relacionadas à sexualidade presente na sala de aula.

Os professores foram questionados sobre o que é sexo e o que é sexualidade. A maioria demonstrou confusão quando da definição desses termos. Podemos constatar este fato na fala do professor A: "Sexo: prática, sexualidade: trabalhar o sexo".

Dizemos que há confusão por parte dos professores quando definem os referidos termos, considerando o que diz Nunes e Silva (2000, p. 424):

Entendemos por sexo a forma como o indivíduo se percebe, sentindo-se homem e mulher e acreditando pertencer a um grupo de seres... A sexualidade é uma energia saudável, presente na criança, no jovem, e no idoso. Em cada fase da vida assume novas mudanças.

Outra temática destacada pelos professores, foi o conhecimento biológico dos sistemas reprodutores, na medida em que este era o discurso utilizado por eles para abordarem a sexualidade nas suas salas de aulas. Para tanto, foi organizada a seguinte atividade: "como fui para ai dentro". Essa atividade funcionou como um espaço narrativo que possibilitou conhecer como os professores falavam da sexualidade através dos sistemas reprodutores e dos processo de fecundação e gravidez.

No encontro seguinte, foi proposto aos professores que se dividissem em dois grupos e desenhassem um cartaz, um sistema reprodutor – o masculino e o outro feminino, identificando e nomeando os órgãos que compunham tais sistemas.

### 3.2. Análise dos desenhos feitos pelos professores

Observando os grupos no momento da atividade em que os educadores conversavam nos pequenos grupos a respeito da produção dos cartazes dos sistemas reprodutores, percebe-se que, ao se referirem aos órgãos sexuais, emergiram alguns apelidos, como forma de nomear os genitais, como : a bolsa escrotal, de "saco"; a vagina, de "xexeca"; pêlos pubianos de "pentelhos" entre outros.

Entretanto, quando os professores apresentaram e explicaram os cartazes que eles haviam produzido, a linguagem utilizada foi outra, a científica. Isso pode ser percebido nas falas dos seguintes professores:

- Professor Y = "este aqui é o pênis, por trás estão os testículos e a uretra..."
- Professor X = "aqui é o aparelho reprodutor feminino, que é formado pelos ovários, pelas trompas de falópio e pelo útero..."

As falas dos professores levam-nos a pensar no funcionamento de um mecanismo de interdição do discurso, pois no espaço privado, onde o grupo conversavam entre si sobre os genitais masculinos e femininos, mencionavam os apelidos, e no espaço aberto, os professores utilizavam denominações científicas. Segundo Foucault (1998, p. 9), a produção do discurso é controlado, "sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, não pode falar de qualquer coisa."

Ao discutirmos sobre os sistemas reprodutores, representados nos cartazes e as denominações ali utilizadas, os professores nomearam os apelidos:

Professor I = "xexeca, florzinha, xoxoda."

Essa fala explicita, o funcionamento do tabu, controlado o que é dito em relação aos órgãos sexuais. O grupo que desenhou o sistema reprodutor

feminino também relatam dificuldades. Isso é possível ver na fala do professor E: “também foi complicado. Até porque não tinha material.”

Essa fala, a respeito das dificuldades encontradas nas produções dos desenhos, leva-nos a pensar na existência de um “desconhecimento” em torno dos sistemas reprodutores. Esse desconhecimento dos sistemas reprodutores as professoras atribuíram a sua formação, o curso magistério, no qual não “viram” tal temática.

Dando continuidade as questões em debate, foi solicitado que os professores representassem através de uma dramatização os processos biológicos implicados desde a fecundação até o nascimento, tendo como personagens: o óvulo, o espermatozóide, a célula-ovo, o feto e outros personagens a critério do grupo.

Quando foi solicitado que os professores representassem, através da dramatização, os processos envolvidos desde a fecundação até o nascimento, foi observado que eles se detiveram no processo da fecundação, no encontro dos espermatozóides com o óvulo, formando a célula-ovo e a seguir o embrião.

### **3.3. Análise da Dramatização**

Ao discutirmos a representação do processo da fecundação, a professora S, comentou: “porque é mais divulgado; no fantástico, apareceu aquela viagem sobre o corpo humano.”

Essa fala mostra o papel pedagógico que a mídia vem exercendo na sociedade. A dramatização, ao ser apresentada, adquiriu a forma da diversão, de descontração, pois entre risos e brincadeiras, os professores tentavam representar seus personagens: o óvulo redondo e imóvel (a professora ficava

parada e com os braços em forma arredondada), os espermatozóides ativos e móveis (os professores mexiam o corpo e corriam) e o feto com o corpo curvado (uma professora deitava e curvada com o dedo na boca). Nessas representações, dos papéis das células reprodutoras e do feto assumidos pelos participantes, novamente percebe-se os efeitos da mídia atuando como uma pedagogia cultural que ensina produzir e compartilhar determinados significados. Neste sentido NUNES E SILVA (1999, p. 140) destaca: “as instituições transmitem uma variedade de formas de conhecimentos que embora não sejam reconhecidas como tal são vitais na formação das identidades.”

Para finalizar, este estudo possibilita-nos ver que, nas experiências narradas pelos professores, tornou-se marcante o discurso biológico como maneira “correta” para ser abordada a sexualidade nas práticas escolares, embora em circunstâncias tidas como informais tenham aparecido outras maneiras de falar a respeito da sexualidade através da mídia, grupos sociais e família. Como porta-vozes dessa maneira “correta” de abordar a sexualidade, apareceram particularmente os livros didáticos e os(as) professores(as) de Ciências. Fora do espaço escolar, como uma outra pedagogia que ensina conhecimentos relacionados ao funcionamento de corpo humano e à origem de um novo ser, aparecem as revistas e programas de TV.

Em outras palavras existem vários veículos, que abordam a sexualidade. Todavia, é importante ter clareza que as informações que são transmitidas por estes nem sempre possuem o cunho informativo o que tal temática requer. Sendo assim, revela-se de fundamental importância o papel do professor. Cabe a este informar de maneira adequada contribuindo assim para

minimizar as dúvidas, tabus e preconceitos, entre outros; que ainda permeiam o universo das crianças e adolescentes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de um trabalho dessa natureza é que se percebe como é grande a necessidade de se discutir, implementar a Orientação Sexual na escola.

O que ficou mais evidente neste estudo foi a dicotomia entre teoria e prática, denunciadas nos discursos dos sujeitos, pois esses “reconhecem” a importância de se trabalhar a sexualidade na escolas, “conhecem” a proposta dos PCN’s, mas, no entanto, não incluem em suas práticas a discussão desse tema. Um outro ponto a ser considerado, diz respeito às dificuldades encontradas pelos professores ao se discutir a sexualidade na escola, figura a incompreensão dos pais a respeito do assunto, secundada pela falta de conhecimento; despreparo do professor; diferença de faixa etária; pouca idade das crianças.

Pode-se perceber ainda, uma certa dificuldade em se trabalhar com a oralidade ou diálogo referido ao tema. Isso foi observado quando estes apontaram que palestras com pessoas capacitadas melhorariam o trabalho de Orientação Sexual, confirmando a tese defendida por alguns autores de que a escola interpreta esses eventos esporádicos como um trabalho de Orientação Sexual, mas na verdade, esse processo de assimilação deveria ser feito de forma contínua e seqüenciada.

Diante do despreparo crônico da família para lidar com as manifestações da sexualidade da criança, a escola assume mais esse importante papel; contudo, para que isso ocorra faz-se necessário investir na formação de professores e não apenas no professor de Ciências, mas de todos que convivem com os alunos. A tarefa urgente que a escola nos impõe é a de ajudar o aluno desde pequeno a enfrentar a vida e a lidar de forma saudável e equilibrada com as manifestações sexuais próprias da sua idade.



De acordo com o estudo que realizamos, verificamos ser necessário que ocorra uma mudança na educação, e já. É preciso que os cursos de formação de professores incluam em seus currículos a discussão sobre a sexualidade, que os governantes proponham cursos de capacitação e, mais ainda, que esses professores que omitem tais discussões, revejam suas práticas, pois os alunos não podem ficar á mercê de informações infundadas, vazias, distorcidas.

É preciso que os educadores percebam que a escola é um *lócus* de informação, troca, conhecimento... pois o seu papel é promover debates entre os alunos, fornecendo-lhes informações claras e objetivas.

Os PCN's deixam claro que a função da escola é transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, contribuindo, assim, para o pleno desenvolvimento do educando. Nesse sentido, é preciso que a escola se reformule, que reveja seu papel.

Parafraseando Pinto (1997, p. 50), entende-se que a função da escola é construir individualidades (identidades) e, se é dessa maneira indireta que se dará sua contribuição ao amadurecimento da sexualidade juvenil, uma enorme transformação precisa ser realizada no seu interior.

Sabe-se que mudar é difícil, a missão é árdua, os desafios são imensos, porém, cabe a cada um ousar e tentar mudar esse quadro, promovendo as mudanças necessárias, pois, como diz Cecília Meireles, "o vento é o mesmo; mas sua resposta é diferente a cada folha".

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual.** Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GUIA DE ORIENTAÇÃO SEXUAL: Diretrizes e Metodologia. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação Sexual na Escola: mito e realidade.** São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

NUNES, C. & SILVA, E. **A Educação Sexual da Criança.** Campinas: Autores Associados, 2000.

PINTO, H. D. de S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G, (org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

RIBEIRO, M. **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação Sexual além da informação.** São Paulo: EPU, 1990.

SAYÃO, Y. Orientação Sexual na Escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. (org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

SAYÃO, R. Saber o Sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, J. G. (org.). **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, M. et al. **Sexo se aprende na escola**. São Paulo: Olho d'Água, 1998.

\_\_\_\_\_. Educação e Orientação Sexual. In: RIBEIRO. **Novas Idéias, Novas Conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

\_\_\_\_\_. **Conversando sobre sexo**. 12 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

VITIELLO, N. **Sexualidade: quem educa o educador**. Um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo: IGLU, 1997.

# ANEXOS

# **ANEXO I**

## **PLANO DE ATIVIDADE**

## **PLANO DE ATIVIDADE**

### **1. Objetivo Geral**

◆ **Fornecer subsídios aos educadores para que os mesmos possam desenvolver a abordagem da sexualidade em sala de aula**

### **2. Objetivos Específicos**

◆ **Promover junto aos educadores momentos de estudo sobre a Orientação Sexual na escola;**

◆ **Compreender como funciona o corpo humano;**

◆ **Discutir a sexualidade para além do sexo;**

◆ **Compreender a importância da Orientação Sexual na escola e a relação de gênero;**

### **3. Conteúdos**

**3.1. Sexo e Sexualidade**

**3.2. Corpo Humano (anatomia sexual)**

**3.3. Puberdade**

**3.4. Gravidez**

**3.5. Métodos Contraceptivos**

**3.6. Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis (AIDS)**

**3.7. Orientação Sexual na Escola – postura do educador.**

# **ANEXO II**

# **QUESTIONÁRIO**

## QUESTIONÁRIO

Sexo \_\_\_\_\_

Idade \_\_\_\_\_

Disciplina que leciona \_\_\_\_\_

Série que leciona: \_\_\_\_\_

1) Você considera importante o desenvolvimento de um programa de Orientação Sexual na escola?

(     ) SIM

(     ) NÃO

Justifique

---

---

---

---

2) Qual a sua concepção acerca da Orientação Sexual?

---

---

---

---

3) Você aborda questões relativas a sexualidade em sala de aula?

(     ) SIM

(     ) NÃO

a) Em caso afirmativo, como você aborda as questões relativas a sexualidade em sala de aula?

---

---

---

---



**b) Em caso negativo, quais os fatores que impedem a abordagem das questões relativas á sexualidade em sala de aula?**

---

---

---

---

**4) Que temas você considera mais relevantes para abordar a sexualidade em sala de aula?**

---

---

---

---

**5) Para discutir com os alunos e alunas questões referentes á sexualidade lhe faltam subsídios?**

(     ) SIM                      (     ) NÃO

**a) Em caso afirmativo indique os subsídios que lhe faltam para abordar a temática da sexualidade.**

---

---

---

---

**b) Em caso negativo, quais são os subsídios que você utiliza para abordar a temática da sexualidade.**

---

---

---

---

**6) Que avaliação você faz da sua qualificação para abordar a temática da sexualidade?**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**Agradecemos a sua contribuição.**